TL 1596
-1

Entrevista de Abílio Araújo à TSF, em 29/09/93. Full Text

"Abílio Araújo, da Fretilin, de novo polémico. À TSF diz, pela primeira vez, 'nas montanhas de Timor, há quem ponha em causa a liderança de Konis Santana' o líder da guerrilha timorense. Um trabalho para ouvir a seguir de Manuel Acácio:

Manuel Acácio/TSF - Abílio Araújo, ao contrário do que estava planeado o encontro de reconciliação entre os timorenses não se realizou antes do encontro entre Durão Barroso e Ali Alatas. Como é que está o encontro de reconciliação? Foi anulado? A ideia está posta de parte ou continua a ser preparado?

Abílio Araújo - Continua a ser preparado e ultimamente tenho estado em contacto regular com o senhor Lopes da Cruz, com Monselhor Carlos Belo, com o Padre José António da Costa, Vigário Geral da Diocese de Dili. Portanto nós cremos que a reunião vai ter lugar dentro de poucas semanas, ou poucos meses...

M.A./TSF - Isto significa o que? Se não se realiza é uma grande diferença.

A.A - Depende de alguns condicionalismos que estão de facto a dificultar a realização. Eu entendo, e cheguei de dizer que queria a presença do Monsenhor Belo, por outro lado também achava que era importante. Só que queria que o Monsenhor Belo e a Igreja de Timor integrasse a delegação que vem do interior. E eu disse logo que não! Que o formato deveria ser os líderes laicos, chamemos assim, líderes políticos, com funções políticas, e a Igreja de Timor deveria estar como observadora, amparando, e ouvindo, e escutando, todas as partes com a sua sombra tutelar. E esta era uma questão de fundo muito importante que devia ser resolvida. Portanto, é uma das razões porque...

.../...

M.A./TSF - E ainda não está resolvida?

A.A.- Estamos a ver se esta questão se resolve. Portanto isto implica também alguma cobertura política por parte do Vaticano. Portanto a situação é um bocado mais complexa do que eu pensava inicialmente, mas hoje estamos dispostos a avançar para a reunião com as pessoas que estiverem disponíveis e um formato que seja exequível e que poderá vir a ser o início de vários encontros.

M.A./TSF - A presença de Ximenes Belo já não é condicionante?

A.A. - Já não é. Para mim já não é porque desde que venha elementos do Clero timorense, já será no futuro positivo.

M.A./TSF - O que pretende com este encontro em concreto? Na prática ele vai servir para que?

A.A. - Na prática este encontro será uma forma de os líderes timorenses, do interior e do exterior, darem o seu contributo positivo...

M.A./TSF - Mas em termos práticos, de que forma?

A.A. - Dando o seu contributo na implementação das medidas de confiança que os dois governos, português e indonésio, acordarem, no acto das negociações com o patrocínio das Nações Unidas.

M.A./TSF - Este encontro não joga a favor da Indonésia? (...) É que há um dado novo que não devemos esquecer, penso eu. É que Portugal não apoia este encontro, a diplomacia portuguesa. Jakarta deu luz verde a este encontro, e vê com bons olhos este encontro. Isto é um significado político!?

A.A. - Eu, de facto, não partilho da mesma opinião de que Portugal está contra este encontro. Toda a minha informação, todos os contactos que eu tenho vindo a manter indiciam exactamente o contrário.

M.A./TSF - Mas o Governo português deu-lhe algum apoio? O Ministério dos Negócios Estrangeiros disse-lhe, siga em frente?

A.A.- Eu não quero que digam sim ou não.

M.A. - Mas Jakarta deu-lhe o sim. E isso é que eu acho que é um significado político.

A.A. - Isto, como todos nós devemos saber, é um encontro que tráz, de facto, riscos para todas as partes: para a Indonésia, para Portugal, e para nós os timorenses...

.../...

M.A./TSF - Diga-me uma coisa: o que pensa da Associação de Amizade Portugal Indonésia? É um dado positivo ou negativo?

A.A. - Eu penso que a Associação de Amizade Portugal Indonésia, como já tive oportunidade de dizer, é uma acção, uma Associação criada em Portugal, por portugueses, que como tal não tenho que me pronunciar.

M.A./TSF - Mas como é que Abílio Araújo, timorense, líder político, vê a criação desta Associação.

A.A. - Eu penso que antes de mais, quem deve pronunciar sobre isso é o governo português, é o Estado português. Se até-aqui nenhum representante político em Portugal se pronunciou sobre uma Associação portuguesa de amizade Portugal Indonésia, não sou eu ...

M.A./TSF - Isto é uma crítica?

A.A. - É uma posição minha e reafirmo, de facto, com a mesma firmeza. Se não há uma tomada de posição sobre esta Associação, não sou eu que me vou pronunciar. Eu tive oportunidade de dizer a pessoas ligadas a esta Associação o seguinte: só não quero, e aí critico, quando vêm dizer que para Timor-Leste o melhor caminho é a integração. Aí digo que nem o povo de Timor tem a oportunidade de dizer isso, e estou a lutar para que um dia o povo de Timor possa dizer o que quer. Se é o melhor, se é o pior, então por favor não venha ninguém dizer isso.

M.A./TSF - Há dois meses o Abílio Araújo disse que a luta armada faliu. A luta diplomática também faliu? Isto é, a sua iniciativa de propôr um encontro de reconciliação entre os timorenses, e a iniciativa, por outro lado, de Manuel Macedo, de fundar a Associação Portugal Indonésia não vem mostrar que (...) é necessário percorrer novos caminhos?

A.A.- A minha proposta de encontro entre timorenses não é senão uma primeira parte, para numa segunda etapa, que poderá ser depois de várias reuniões, envolver os timorenses directamente nas conversações tripartidas.

M.A./TSF - No início deste mês saiu das montanhas uma mensagem do Kónis Santana, novo líder da resistência, onde ele diz, 'a luta contninua' e dá exemplos de algumas acções militares contra a Indonésia. O Abílio Araújo está arrependido das afirmações que fez?

A.A. - Não só não estou arrependido, como não conheço Kónis Santana. Sei que há um líder com esse nome...

M.A./TSF - Mas aceita estas declarações da mensagem como válidas, ou acha que ele está a fazer propaganda? .../...

A.A. - Eu aceito que são válidas, que a luta armada continua; quando digo que a luta armada faliu, eu digo e quero chegar a um alcance mais vasto, que é o seguinta: a luta armada que nós aprendemos como conceito, que aprendemos no léxico, no dicionário, e da libertação nacional, que é uma manifestação superior de um combate político, de facto continuo a pensar e dizer que já deu o que tinha a dar.

M.A./TSF - Porque é que o Abílio Araújo não reconhece em Kónis Santana o líder máximo da resistência timorense?

A.A. - Eu não reconheço porque é necessário que as lideranças sejam indicadas por estruturas que estejam em funcionamento.

M.A./TSF - Mas neste caso é impossível...

A.A. - Sabe, Nós em 78 passámos por períodos muito difíceis como este. Depois de 78, também vários comandantes se proclamaram líderes máximos. Passámos três anos à espera. E nesses tempos eu não falei quem era o mais comandante...

M.A./TSF - Então acha que ele se proclamou líder máximo, portanto, sem legitimidade?

A.A. - Eu penso é que muitos que estão aqui fora é que estão a nomear pessoas. E por isso é que acontece esta situação...

M.A./TSF - Mas isto é uma crítica a quem? Ao Ramos-Horta?

A.A. - A todos os que interferem do exterior, nas estruturas da resistência.

M.A./TSF - Acha que o Kónis Santana é um líder nomeado do exterior?

A.A. - Eu penso que o exterior tem muita culpa do que acontece no interior. (...) Eu penso que nós temos de quebrar esta cortina que existe entre o interior e o exterior.

M.A./TSF - Então como é que é possível escolher o novo líder da resistência?

A.A. - A resistência há-de se encontrar; há-de se reunir; há-de indicar quem será ...

M.A./TSF -Indicar como? Do exterior?

A.A. - Não, do interior!

M.A./TSF - Na carta do Kónis Santana, ele diz que já foi feita a reestruturação.

A.A. - Eu duvido de muita coisa. E quero dizer é que nós, com este projecto, de encontro entre os timorenses, havemos de chegar a uma altura em que vamos também entrar em contacto com

.../...

todos eles.

M.A./TSF - Vamos pôr uma hipótese teórica: Se o Secretário Geral das Nações Unidas Butros Ghali quiser falar com o líder da resistência -- vamos admitir a hipótese que ele diz, 'Quero falar com o líder da resistência'-- quem é que o Butros Ghali chama?

A.A. - Ele vai lá para dentro? Esta é a primeira questão que eu ponho.

M.A./TSF - Mas vamos pôr uma hipótese teórica, uma mera hipótese teórica. Isto é, se o Butros Ghali quiser mandar uma mensagem pessoal ao líder da resistência, ele endereça a carta a quem?

A.A. - Eu penso que ele não faz isso.

M.A./TSF - Acha que o modelo seguido até aqui pela resistência está ultrapassado? O modelo de organização, e que é preciso partir para uma coisa completamente nova.

A.A. - Eu sobre isso não me quero pronunciar. Penso que os que estão no interior é que devem encontrar as melhores formas.

M.A./TSF - Mas eles já encontraram. O Abílio Araújo é que não está de acordo.

A.A. - É que há muitos é que podemos dizer que não estão de acordo. É falso quando pensam que é o Abílio Araújo que fala sozinho. Eu tenho contactos com muitas estruturas do interior que considera que é necessário repensar muita coisa ...

M.A./TSF - Inclusive a liderança do Kónis Santana?

A.A. - Inclusive!

M.A./TSF - Ou seja, também no interior a resistência está dividida?

A.A. - Naturalmente. Dividida porque é necessário discutir, é necessário... não podemos funcionar como os santos do altar. Cai um santo e é logo substituído... veja o S. Pedro. Quando morreu, não foi o décimo-primeiro, ou o décimo segundo. Surgiu um outro...

M.A./TSF - Com esse espelho completo da resistência, em termos de organização, Timor é um caso perdido? É claro que vai dizer que não, mas...

.../...

A.A. - Não, eu penso que a nossa resistência nesses 18 anos já deu tudo. Nós já fizémos tudo aquilo que estava ao nosso alcance. E o povo de Timor estará disposto a continuar a fazer. Agora digo: Será que o mundo quer que os restantes quinhentos mil desapareçam todos ... e depois o mundo diga, como os espartanos, (...) caíram, mas como heróis. E isso? Eu penso que toda esta divisão, esta divisão é uma consequência dum inimigo poderoso que actua sobre nós, da mesma forma como os duzentos mil mortos...

M.A./TSF - Mas isto é o objectivo Indonésio. Ou seja nesta luta a Indonésia está a conseguir o seu objectivo : a destruição da resistência. Com a divisão da resistência, com as divergências na UDT, com as divergências na Fretilin, com as divergências entre os guerrilheiros, só resta Ximenes Belo!

A.A. - Eu não quero pôr a questão assim. O que eu digo é que se no exterior as forças políticas, os países, a comunicação social, incidirem a sua batalha, não condicionados pela situação da resistência, mas sim pelo direito que existe deste povo, e que também compete ser defendido, e se a Comunidade Internacional souber cumprir o seu papel, eu garanto que os timorenses irão encontrar ...

M.A./TSF - A luta do povo timorense está então na mão dos outros?

A.A. - Eu nunca disse isso. Sempre esteve nas nossas mãos. Sempre esteve nas nossas mãos e por isso mesmo que nós vamos também decidir qual o melhor caminho na análise e no equacionamento que nós fizermos dos dados actuais.

("Ipsis Verbis" da entrevista concedida por Abílio Araújo ao jornalista da TSF Manuel Acácio, em 29/09/93, depois do noticiário das 14 Horas. Um trabalho do Departamento de Comunicação Social e Arquivo do CRP/Comité Regional de Portugal da União Democrática Timorense)----------